



P.º MIGUEL BERNARDINO RODRIGUES

SACERDOTE SALESIANO

1903-1985



Lisboa, Casa D. Bosco, 27 de Outubro de 1985

1. DE MALA AVIADA

«Como o Senhor Inspector me tivesse pedido para ir trabalhar em Macau, aceitei de muito boa vontade, como até agora sempre tenho feito, ao mandar-me para qualquer parte, tanto na Metrópole como para as Missões. Ao mesmo tempo fiquei livre de andar continuamente com as malas de um lado para o outro, o que é tão aborrecido, sempre com a tralha às costas, mas paciência; é a vontade de Deus!»

Palavras de um precioso livrinho-memória, amarelecido com o tempo, onde o bondoso P.^o Miguel ia anotando cuidadosamente as ocorrências mais importantes da sua vida, mudança de uma casa para outra, visitas à família, primeiras impressões da chegada a um lugar, pessoas, êxitos e dificuldades nas tarefas apostólicas... E tudo com precisão de nomes e datas. Pegar nesse livrinho e ir lendo página a página, escrita com caligrafia segura e clara, é como deixarmo-nos seguir irresistivelmente numa longa viagem à descoberta do mundo interior puro e transparente dum homem simples e bom.

As palavras extraídas do diário acima citadas referem-se à ida do P.^o Miguel para Macau, em 1964. Ainda não fora dessa vez que ficara «livre de andar com as malas às costas». De Macau, em 1969 voa para Namaacha (Moçambique), donde vem em 1975 para se estabelecer durante dez anos no Porto, na Residência da Imaculada Conceição, da Rua Pinto Bessa, casa do pré-noviciado. Verdadeiramente e para sempre livre das canseiras da longa viagem sobre a terra, livre da pesada bagagem dos incômodos da velhice só ficou ao fim de quase um ano — o último da sua vida — que passou na Casa D. Bosco.

Assistido carinhosamente pelos irmãos da comunidade, entregou santamente a alma a Deus no dia 27 de Setembro de 1985. Dois dias mais tarde ia fazer 82 anos. Nascera no Vilar do Cadaval a 29 de Setembro de 1903. Era irmão do saudoso P.^o Benedito, falecido na Casa D. Bosco, no dia 9 de Abril de 1976 e que fora Provincial dos Salesianos de 1964 a 1969.

«É a vontade de Deus!» E o Senhor pediu-lhe só mais uma vez para que estivesse... de mala aviada para ir ao Seu encontro. O primeiro presságio de que isso iria acontecer em breve, tivemos-nós, seus irmãos da Comunidade da Casa D. Bosco, por alturas do Natal de 84, quando acusou uma quebra inesperada na robustez física que sempre manteve, embora se acentuasse cada vez mais a dificuldade em andar. Uma forte aritmia obrigou-o a um repouso absoluto e sob continua vigilância durante os meses de inverno. Pairava em nós um pressentimento que se nos fosse. Ele próprio, lúcido e calmo, pediu para lhe administrarem a Santa Unção. Na ausência do director, foi o P.^o Simão quem presidiu à celebração do sacramento dos enfermos. Encontravam-se reunidos no quarto do P.^o Miguel quase todos os irmãos da Comunidade. Antes de iniciar, com vivo esforço fez questão em dirigir à Comunidade umas palavras que a todos sensibilizaram: «Peço perdão aos irmãos por todas as ofensas... No Céu, se o Senhor lá me receber, pedirei por todos e cada um dos irmãos da Província, pelas vocações e pelas casas de formação e também pelos superiores para que saibam mandar bem». Seguiu cada um dos gestos e palavras do sacramento, com visível devoção e recolhimento. No fim, contente, abriu os braços e disse «Vá, um abraço a cada um de vós».

O que é certo é que o Senhor aguardou ainda para o vir buscar. Efeito, com certeza, do sacramento instituído para lenitivo e conforto dos doentes. Entretanto, ao chegar o tempo mais ameno o P.^o Miguel pôde recuperar a olhos vistos, levantando-se e tomando parte nas refeições e na oração comunitária.

Finalmente, a «vontade de Deus», o gesto de chamar para junto de si os seus filhos. Gesto incompreensível à natureza humana, mas gesto de amor!

A Eucaristia de corpo presente, celebrada na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, em Lisboa, foi presidida pelo Provincial, P.^o José Pacheco, com grande número de sacerdotes e salesianos das casas, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, antigos alunos e familiares do saudoso extinto. O seu corpo está sepultado no Cemitério dos Prazeres.

2. O Salesiano pronto para todo o serviço

«Desde o primeiro ano fui ajudante do prefeito, Sr. P.^o Paulo Colussi. Era encarregado da adega, do pão, do calçado; fazia as compras na loja, às quintas feiras... e quase sempre ia a pé ou de bicicleta, muitas canseiras apcnhei».

É com estas palavras que abre o diário, fazendo-nos remontar a 1926, em que o Miguel, já homem, depois do serviço militar cumprido no Quartel de Infantaria 5 das Caldas da Rainha, dá entrada no seminário de Poiares da Réguia. É aí que vai ser influenciado pela bondade e santidade dessa figura ímpar de salesiano e formador de tantos salesianos da nossa Província, que foi o P.^o Agostinho Colussi.

Concluídos os estudos preparatórios, fez o ano do noviciado, no fim do qual foi admitido à profissão religiosa (1932). Depois do segundo ano de filosofia, logo a seguir ao noviciado (porque o primeiro já o fizera antes), dos dois anos de tirocínio prático e dos votos perpétuos, partiu para Turim (Itália) para o estudo da teologia, concluído o qual foi ordenado sacerdote pelo Cardeal Maurílio Fossati, na Basílica de Maria Auxiliadora, a 2 de Julho de 1939.

No dia 15 de Agosto, dia em que em todo o mundo se celebra a festa da Assunção da Virgem Maria ao Céu, no Vilar celebra-se outro motivo de grande alegria: a Missa Nova do P.^o Miguel! No coração do jovem sacerdote, a alegria também seria completa se naquele dia tivesse junto de si a sua saudosa mãe, que o Senhor levara três anos antes, sendo ele estudante de teologia em Turim. Anota no seu diário: «*Em Julho de 1936 vim a Portugal por ter recebido a notícia da morte repentina de minha mãe*». A boa da Sr.^a Francisca tivera o pressentimento de não poder assistir na terra à Missa Nova do seu filho. É o P.^o Miguel quem o conta no diário: «*A minha mãe, Francisca de Jesus, disse um dia ao Miguel Evaristo, quando eu fui estudar teologia para Turim: Já não vejo mais o meu Miguel*».

Em compensação, lá estava o pai do P.^o Miguel, contentíssimo, porque, afinal, o Senhor sempre lhe concedera a alegria dum filho sacerdote.

«*O meu pai, Filipe Bernardino Nunes, disse um dia ao António Pereira de Oliveira: Trabalhei, acompanhando e levando freiras para os conventos e não tenho a sorte de ter um filho sacerdote... Neste tempo ainda eu não tinha pensado no seminário e o P.^o Benedito era ainda muito criança*».

A partir dessa data, foi o que se pode considerar, como dizíamos no início, um salesiano de mala-aviada, disponível para onde quer que os superiores o enviassem e pronto para todo o serviço. Vamos imediatamente encontrá-lo em Mogofores (1939-40) como administrador (prefeito como então se dizia), de 1940-41 em Poiares, como prefeito e professor e de 1941-43 sucessivamente em Poiares, Évora e Lisboa, com várias incumbências de carácter provisório, enquanto aguardava o embarque para Cabo Verde e uma vez que a invasão japonesa lhe não permitiu embarcar para Timor, para onde fora nomeado...

É em Cabo Verde que decorre um período notável da sua vida (1941-51), como vigário cooperador das Paróquias de Nossa Senhora do Rosário e da Lapa e Capelão das Irmãs do Amor de Deus. Finalmente em 1952 pôde partir para Timor, onde desempenhou, primeiro o cargo de director da missão de Fuijoro e depois de confessor em Dili; de 1957-59 volta a Mogofores, como confessor e pároco; em seguida, em pequenos períodos de um ou dois anos, desempenha as funções de confessor e professor sucessivamente em Évora, Izeda, Vendas Novas e Poiares.

Passados esses anos, Macau (1964-69) e depois Namaacha (1969-75) acolhem-no e beneficiam do seu ministério de confessor. De regresso de Moçambique, a 14.6.1975, os últimos dez anos da sua vida vão decorrer no Porto, na Residência da Imaculada Conceição, dos estudantes do pré-noviciado, na Rua de Pinto Bessa. Vemo-lo entretanto, a cuidar dos vasos das flores, a atender os jovens estudantes e as muitas pessoas que o procuram na confissão e na direcção espiritual.

3. Missionário

Um dia a Nazare da Jacinta Rodrigues, ao saber que o Miguel ia para o seminário perguntou-lhe: — Porque queres tu ir aprender para padre?

— Para ir para as missões — respondeu.

«Pouco eu conhecia ou nada o valor das missões» — observa no Diário.

O sonho de ser missionário, que de muito novo acalentava, pôde-o o P.^o Miguel concretizar nas suas longas permanências, em terras de Cabo Verde, Timor e Moçambique. Aí dedicou o melhor das suas energias e do seu zelo

sacerdotal a pregar, baptizar, confessar, sempre e em tudo espalhando a bondade salvadora de Deus.

A «alma missionaria» sempre o P.^e Miguel a levou dentro. E muito cedo tinha compreendido que não era preciso fazer coisas fora do vulgar nem anunciar Jesus Cristo em linguagem difícil.

Quando em 1959, o Sr. D. José Ribeiro, então bispo auxiliar de Évora, organizou uma grande missão em Benavente, naquela diocese, recomendou aos 20 sacerdotes e 40 religiosas que «falassem com a máxima simplicidade ao povo, que o mais não compreendiam». Dois salesianos faziam parte da comitiva evangelizadora: o P.^e Pedro Morais e o P.^r Miguel Rodrigues.

No ano seguinte, organizou-se uma missão também no concelho de Coruche, desse vez com 30 sacerdotes e 60 religiosas. Em ambos os lugares que couberam em missão ao P.^e Miguel (Foros de Almada e Foros da Craveira), ele soube adaptar-se ao povo simples em perfeito entendimento. Um breve apontamento do relato cristalino daquela «santa missão», a que dedica várias páginas do diário: «A noite, enchia-se a escola, apinhada de gente, que não se cansava de me ouvir. Chegava a falar mais de uma hora e querendo eu terminar, muitos diziam: Senhor padre, queremos continuar a ouvi-lo, não estamos cansados».

Era a prova evidente de como o Senhor concedia ao seu fiel servidor o dom da eficácia da palavra que pedira no dia da ordenação sacerdotal.

4. Irmão na comunidade

Nos últimos anos da sua vida, o P.^e Miguel distingua-se entre nós como uma figura de patriarca. A bondade e o requinte de sentimentos, a simplicidade, a boa disposição, o sentido prático foram nele características marcantes, que tornavam agradável a sua presença nas comunidades por onde passou. Sem nada exigir de extraordinário, vivia contente e desprendido. Para ele estava sempre tudo bem. Sensível ao mínimo gesto de atenção por parte de qualquer irmão, nunca este saía de ao pé dele sem que ouvisse a palavra «obrigado».

A fé dá-nos a garantia de termos no céu um amigo a interceder por nós. Como, no entanto, só o Senhor conhece o íntimo dos corações, é nosso dever de gratidão continuar a recordar este nosso irmão. A nossa oração vai também no sentido de alcancarmos de Deus o dom de salesianos da témpera espiritual e apostólica do P.^r Miguel.

A Comunidade da Casa D. Bosco

Para o necrológio:

Pe. Miguel Bernardino Rodrigues, nasceu no Vilar (Portugal) a 29 de Setembro de 1903, faleceu em Lisboa, na Casa D. Bosco, a 27 de Setembro de 1985, com 81 anos de idade e 53 de profissão religiosa.